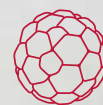


uma pausa na luta



manoel ricardo de lima
[org.]



mórula
EDITORIAL



uma pausa na luta

manoel ricardo de lima
[org.]

4 posfácios-mínimos

pausa: suspensão do ato, gesto de abertura
davi pessoa

o tremor do dragão
edson luiz andré de sousa

a travessia dos dias
flávia cêra

diante do excesso
laíse ribas bastos



mórula
EDITORIAL

*O momento ruidoso que estamos atravessando abre uma época ideal
para falar e publicar o menos possível e procurar compreender melhor
como as coisas são.*

Italo Calvino
09.abril.1965
Paese Sera

*A “destruição” é definitivamente o signo dominante desse modelo de
falsa “desobediência” em que consiste hoje a velha “obediência”.*

Pier Paolo Pasolini
18.março.1975
Corriere dela Sera

todos somos, finalmente, aspectos vagabundos da natureza

Maria Gabriela Llansol
Onde vais drama-poesia? [2000]

apresentação

uma pausa na luta
manoel ricardo de lima

70 poemas

alexandre barbalho

aline prucoli

ana carolina assis

ana estaregui

ana paula simonaci

andré dahmer

aníbal cristobo

annita costa malufe

antônio lacarne

arthur lungov

beatriz bastos

bruna carolina carvalho

camila assad

carlos augusto lima

carlos henrique schroder

carolina machado

casé lontra marques

celso borges

chantal castelli

cristiano moreira

dalila teles veras

danielle magalhães

demétrio panarotto

edmilson de almeida pereira

eduardo jorge de oliveira

eduardo sterzi

estela rosa

fabiano calixto

frederico klumb

guilherme figueira

heitor ferraz mello

italo diblasi

izabela leal

joice nunes

josoaldo lima rego

juliana krapp

julia de souza

júlia studart

katia maciel

laís romero

laura cabezas

laura liuzzi

leonardo gandolfi

leonardo marona

lubi prates

manoel ricardo de lima

marcelo reis de mello

maria esther maciel

mayra redin

micheliny verunsch

natália agra

patricia galelli

paula glenadel

prisca agustoni

raisa christina

ramon nunes mello

renan nuernberger

reynaldo damazio

ricardo aleixo

ricardo corona

ricardo rizzo

rita isadora pessoa

ruy proença

sara síntique

simone brantes

sofia mariutti

sidnei cruz

tarso de melo

thiago e

vanessa c. rodrigues

veronica stigger

4 posfácios-mínimos

pausa: suspensão do ato,
gesto de abertura

davi pessoa

o tremor do dragão

edson luiz andré de sousa

a travessia dos dias

flávia cêra

diante do excesso

laíse ribas bastos

uma pausa na luta

manoel ricardo de lima

Em 15 de março de 1969, Pasolini publica no semanário *O tempo*, na sua coluna “O caos”, um comentário acerca de um livro de Franco Fortini, *Poesia e errore*, que reúne poemas escritos entre 1946 e 1957 e, também, num pequeno extrato à parte, 25 poemas “mais recentes”, feitos entre 1961 e 1968. E é esta parte a que lhe interessa. Assim, diz que há nela uma “fuga do zelo” e “uma nova reflexão numa zona patética” que remontam a figura de Fortini como “ensaísta e moralista: político”, com sua “obsessão pela guerra real”, enquanto imagina que ele se contorce no impasse que é estar imerso numa luta e, ao mesmo tempo, fora, ambivalência que engendra uma “tensão diversa”. A questão, para Pasolini, é que Fortini, perante seus rígidos camaradas de luta, tem vergonha de ser poeta e busca uma *captatio benevolentiae*, porque estes entendem que a “única categoria válida para julgar os seres humanos é a da utilidade”. Daí sugere que Fortini escreve seus poemas durante “uma pausa na luta”. E manobra sua atenção a essa pausa como uma suspensão do tempo, e da história, que aparece em cada linha reconfigurando – via Giacomo Leopardi e Eugenio Montale – “o cruel desespero do ascetismo que tem como substância o nada”, porque Pasolini entende que “uma pausa na luta” é também a possibilidade de “reavaliação da luta”.

Esse é o apontamento e a proposição desse ajuntamento de poetas e poemas, em descompasso e irregularidade, a ler o que se reinventa como uma deriva suspensa do tempo e da história, esquartejando lentamente, que seja, a figura de um EU absoluto para tocar alguma outra dispersão ontológica, uma *qual-quer*, uma *vagabundagem* “que anuncia a geografia imaterial por vir”, frente a este vazio significativo, para tentar dizer outras coisas, algumas esperanças, mesmo que insinceras, contra o diletantismo das circunstâncias que giram apenas ao redor da própria cabeça como se fossem moscas em voo vendo e revendo imagens de si mesmas 100 vezes por segundo. E com algumas perguntas simples que sobre-

vivem ativas: como não avançar sobre o tempo agora, como não cair na cilada de que podemos entender as coisas tal como estão, como pisar os pequenos espaços que temos cada vez mais devagar e – com toda graça e gravidade de que “uma atenção é a atenção que se faz”, a outrem, como diz Simone Weil, e nunca uma conformidade ou um consentimento a nós mesmos –, como reavaliar a vida com força e sem tanto luto propondo apenas uma filigrana de pausa na luta.

O que vem, como um peso, é o esforço imenso e aberto para que se entenda que a pausa, como aponta Pasolini, não é uma mera paralisação diante da luta, que é, por sua vez, sempre imensa e infinita – “De cada qual, segundo suas capacidades; a cada qual, segundo suas necessidades”, é a conhecida e reconhecida frase de Karl Marx –, mas sim que ela pode ser lida muito mais como uma retratação da ideia sempre modelar de que as transformações são uma locomotiva da história, também de Marx, para um sentido mais perto de Walter Benjamin, de que as transformações mais radicais advêm de uma humanidade capaz de puxar os freios de emergência da história. Ou seja, contra o modelo, as modulações; contra as formas, as forças. Por fim, que as poetisas e os poetas que aceitaram com alegria e leveza estar aqui [agradecemos imensamente] possam acolher a importância diferida de tocar, cada uma, cada um, na deriva de cada OUTREM, em tantas e variadas possibilidades – da circulação imprevista ao empenho, do erro à visita, do risco à recusa, da potência ao desejo, da carne ao osso etc. –, mas sempre com um *ficar ao lado, agora*: “tomar consciência dos termos reais dessa luta” e “lutar livremente”.

E como um começo interminável, isto não é uma antologia, mas uma convulsão, muito obrigado a Carlos Augusto Lima, Carolina Machado, Júlia Studart e Tarso de Melo pelas indicações arejadas de poetisas/poemas; a Davi Pessoa, Edson Sousa, Flávia Cêra e Laíse Ribas Bastos pelas tomadas de posição ao aceitarem escrever os posfácios-mínimos ainda com um arquivo invisível; a Ana Flávia Baldisserotto, pela delicadeza do gesto ao ceder o desenho que é a capa; e à Mórula, por topar essa aventura e implicação de coragem: *a alguém para algo*. A vida é um imenso vazio sem cada amigo-amiga-amor de atenção, conversa, pensamento e abraço.

inverno, 2020

70 poemas

rio Amazonas

I

mormaço da tarde o rio
[segue
os homens

refúgio nos barcos

as mulheres
[banham

botos brincam na beira

II

o rio corre sem volta
[ao mar
restos de floresta
[na correnteza
a ilha persiste

alexandre barbalho

chupar a vida como quem chupa manga

a qualquer momento
voltar a chupar a vida como quem chupa manga succulenta
voltar a chupar forte o sumo da vida
voltar a qualquer momento
dar uma volta inteira na vida com a língua
lambuzar as mãos de vida
lambuzar o pescoço o colo todo
o sumo escorrendo vida rente à pele rumo ao peito rijo
chupar a vida madura e lambuzar o umbigo também
o umbigo-boca
umbigo-dentes
os fiapos da manga-vida entre os dentes
os dentes fortes arrancando pedaços da vida succulenta e cheirosa
a língua lambendo os fiapos entre-dentes
a língua viva chupando vida como quem chupa manga, succulenta, cheirosa
favor chupar a vida como quem chupa manga gelada depois da sede
favor voltar a chupar a vida como quem chupa manga gelada depois de todo o sol
favor voltar a chupar a vida
a qualquer momento
chupar a vida molhada de tudo
chupar a vida pingando succulenta e cheirosa de cima pra baixo
a boca bem aberta
a língua na boca bem aberta
a língua toda aberta
o gosto da vida na língua
no céu da boca bem aberta
chupar a vida em ritmo frenético
mandíbulas frenéticas
engasgar de tanta vida
engasgar mas nunca cuspir
mastigar muitas vezes antes de engolir
mastigar e engolir com pressa

devorar sem descanso
a qualquer momento
mas nunca cuspir
é vida
vida não se cospe
chupar a vida como quem chupa manga succulenta
voltar a chupar a vida como quem chupa manga succulenta
a qualquer momento
e por hora
chupar manga como quem deseja voltar a chupar vida

aline prucoli

galinha inteira

algumas famílias consideram o peito
a parte mais nobre da galinha

lá em casa não

brigávamos pelas coxas
(era necessário cortar a bicha
ao meio na vertical e eventualmente
em quatro)

o que tornava por exemplo
o pescoço a moela o coração
motivos de disputa também afinal são únicos
no corpo da galinha

esse jeito de cozinhar
pra vários filhos
essa gastura dos dias que vêm
depois do domingo
atrormentavam o juízo da vó
sem trégua

agora,
toda vez que é domingo e
comemos frango ela conta
de quando o vô perguntou

o que você precisa pra ser feliz, mulher?
e ela gritou vou ser feliz no dia em que eu puder comer uma galinha inteira, Juracir.

agora,
minha filha, se eu quiser
ela sempre completa
eu como quinze galinhas
e ele não tá mais aqui

ana carolina assis

lição de árvores

continuar
envergando a haste
em direção ao sol

ana estaregui

um poema suspende o mundo

um poema cresce
selvagem
um poema não industrial
cresce no mato livre
na boca
tátil
um poema
suspende
o mundo aumenta
quando uma imagem
cresce em um poema
franceses em 1830
atiram pedras em um relógio
o homo sapiens
olha o sol
e a sombra
e salomão
como repetição mecânica
diz que tudo
é vaidade
debaixo do sol
um relógio digital
apita quando
os calendários
rebeldes
desdenham da história
os olhos se viram
ao contrário
do mundo
o tempo linear
foi suspenso
ditou um coelho
uma criança
tomou um reino
e montou castelos
com pequenas

pedras na beira do rio
do poema
se espera um mundo
no corpo do poeta
o tempo não age
a velhice, a juventude
o corpo do poeta
se fixa em um não
revolucionário
contra as rotações
do universo
o corpo do poeta
brinca
e ri com os castelos
porque sabe
que os deuses não sonham
e a realidade é relativa
porque sabe
que dança
frente aos dias
que pulam nos calendários
sem dizer para onde vão

ana paula simonaci

1.

não sentir medo
nem andar com pessoas
que sentem medo

2.

não subir a serra
para respirar ar puro
lutar por ar puro
na cidade em que se mora

3.

não invejar
o voo dos pássaros
o sono das plantas
a luz do sol

brilhar no escuro
do apartamento

andre dahmer

lo que puede un cuerpo

Nadie lo sabe: pero el de Marina
pide los cerezos pintados por Maira Kalman en Washington.

Ana

prefiere no hablar de ella. En cambio, escribe sobre un cineasta
desconocido, quiere otros 10 litros de tierra

para sus plantas. Sil

busca a la ex de su chico; las dos

comparten lo que significa perder a una pareja. Claudia

piensa en sus monjas, que deforman la escritura

para alejar el pecado. Hace unos días

Andrea subrayaba un libro

que explicaba cómo arrojaban un puñado de plumas

desde un globo aerostático, para saber si el globo

estaba subiendo (si las plumas bajaban) o bajando

(si subían). Nadie sabe

lo que puede un cuerpo.

aníbal cristobo

ter
a calma daquele
homem
tombado no lombo
do cavalo
sobre
as vértebras aparentes
do seu último
cavalo
couro e pele
aderidos ossos
desencaixados a
última curva a
fazer a
última visão antes
da queda

annita costa malufe

um novo método

os signos as palavras os ecos se repartem
desistem de outro passo ou esquecem
entre dedos destinos memorandos
o quanto alcançar o espelho
trouxe dias mais duros tão escorregadios
um novo método para perpetuar a história
as metades como arquivos
destinados aos ventos dos árticos dos trópicos
as luminárias disformes tão práticas
presentes no interior de qualquer sonho
que não se apaga se afoga se dilui
se transforma se fecha cerra as bocas
não reflete por enquanto e por enquanto
diz alguma coisa ainda nítida.

antônio lacarne

No fresco agudo da janela
lavra o sol
mancha clara nos tacos
com o torso

no atavismo de savana
salto ao ruído da lata
lançada na rua
esquece o sol
o taco
o torso torcido móvel
espera
retém o corte
no faro

deita de novo
e segue colhendo
o dia

arthur lungov

aos que vão nascer

Houve um tempo
agora as flores não abrem mais
há escândalos a cada esquina
metralhadoras escapam do meu coração
todos os dias

Dentes dóceis afastam as cadeiras
rins são inegociáveis
uma boca é apenas uma boca
e todas são sempre assassinas

beatriz bastos

humor

a saliva se avoluma
abaixo da saída do som,
o suor penetra os vãos
e a biologia vence.
feito ferro retorcido, o
esôfago range uma
fome, -- você ouve o eco
dos canos de pvc?

a casa inteira geme.

enfia-se o dedo no
extremo de uma veia que
escapa, evita-se a
passagem de sangue; resta
o gozo, o formigamento
no indicador. há
sangue e vai para
algum rejunte.

todo fluido deseja chover.

bruna carolina carvalho

torniquete em dó menor

sua voz se crava como
garras compridas de
gato no meu cerebelo

eu acho que dói,
acho que dá vertigens,
mas ajuda a distinguir
os dias úteis daqueles
dias de muito sol

limpo com panos frescos
a decepção de morrer
sabendo que eu jamais
poderei lambar as minhas
próprias omoplatas

camila assad

bem-aventurados os que acreditam em seres extraterrestres, pois deles será a sessão mais bonita da última invenção do cinema americano. a vida mais bonita e dinâmica, o golpe certo da lâmina forjada em metal da galáxia mais longínqua. o seu amor mais longe, longe, de não mais.

bem-aventurados aqueles dotados do mais alto poder do esquecimento, da penumbra e o vazio poderoso que encobre qualquer e grandiosa memória: interruptores acesos, contas telefônicas, crianças na escola, chave na ignição em carro com portas travadas, roupa na lavanderia, o presente mais singelo no dia dos namorados. a escuridão, a escuridão.

bem-aventurados aqueles que são mais duro silêncio, pois deles será um reino perdido, um reino medido pela extensão de um mundo enorme, só deles, muito próximo de não saber o quanto se tem de tamanho e glória. o reino dos céus parece o nome de uma canção. liga agora e pede para que toque no rádio. esta é para ti. e para mais ninguém.

dá um mergulho agora e aquieta a imaginação imperiosa. depois te lava com água corrente e sabão neutro. como se quisesse apagar alguém do corpo. te lava com afino, precisão, o mais puro dos gestos, como um batismo, uma idéia de clareza. depois retoma todos os cremes, os perfumes baratos, o que há para tingir os cabelos, o que há de eterno. o seu amor mais longe, longe, de não mais.

carlos augusto lima

cães

Uma pedra nunca foi apenas uma pedra (latido)

Pergunte aos Krenak ou aos Sentineleses (melhor não melhor não)

Há nela, na pedra, um sentido que precede a linguagem

Sentido genuíno

ou contrário

Só entendemos uma luta, de verdade, durante a pausa

Só se possui/aquilo a que se renuncia./Aquilo a que não se renuncia/escapa-nos

nos disse Simone Weil

O câncer não para

e, por isso, às vezes, falha

Cachorros sarnentos ou cheirosos escolhem pedras

pelo cheiro

para urinar

marcam território

de luta

e luto

uma pedra.

Pasolini leu um poema diante da pedra tumular de Gramsci

mas a pedra não lembra nada, talvez as palavras

tédio ou banido ou terra

ela esqueceu completamente quando ele fala

de renúncia

e da paixão desesperada de estar no mundo.

carlos henrique schroeder

a crina do cavalo mágico
faz girar o carrossel
da menina

pego carona

por alguma mínima
esperança
de mundo

carolina machado

o silêncio no meio da respiração

O silêncio no meio da respiração
erica a luz
pendurada na ponta do
mamilo
— enquanto uma vogal, marítima,
revolve
os alvéolos (com vontade).
Injetando tempo
no sangue: seringa
após seringa.
Daqui em diante, a calma —
acima de
qualquer outra coisa — será
incendiária.
E assídua: vocação
devotamente disseminada.
Seu desempenho
depende do volume
da veia
durante a ventania.

casé lontra marques

pausa

drible no grito
quase
matar o corpo osso a osso
pele a pele
músculos no exílio
nus nós cegos
e desatarmo-nos em praça pública
depois de pendurados
nas agonias do limbo

pause
imagens perdidas do último capítulo da série de sucesso
amarrar o voo das abelhas inclusive o mel
pisar no eco, talvez
o ovo em pé inevitável
quebrá-lo no ar
e refletir
onde se aloja o amado medo
marcado pelo suor de deus

fuga do front
embrulhar com zelo o pacote da pancada futura
pensar que seria um erro fazê-lo agora
sim ao pouso do pássaro acima do chão
por enquanto
não tremer

trégua sem trégua

rigidez e leveza
aceitar que o poema pode ser inútil
intervalo para o último assalto
tomar de assalto o ventre do ringue
antes do nocaute
pensar melhor fora da cabeça
peixe fora do aquário
quase
respiração suspensa
até o segundo final
antes de subir à tona
e soprar o pulmão do mundo

celso borges

recuo

O que é adequado
O que não quer sentido
O que se move em círculos
O que deixa que o tempo ande só
E só de leve raspe esfarrapado a pele
Dos de nossa classe nossa cor, quem
Às pressas precisa cruzar a fronteira
Abandonar o barco? quem de nós, de
Verdade, tem algo à espreita que não
Pesadelos, tombos, o processo histórico
Tão lento que poderíamos por assim dizer
Tocá-lo com a mão no longo parto donde sai
Da cabeça aos pés vertendo sangue lama pelos poros
Esse que igual recua agora quando pensamos sobre
O que resiste ao descolamento, porque mesmo
Assim visto de fora de canto de olho está dentro
E *partout* ao mesmo tempo como segunda pele
Até que outra violência rearranje a espécie
Esse pede em tom ameno que deixemos o tempo
Remoer-se nos sempre mesmos círculos e
Que tal fingirmos uma esperança? adequarmo-nos
Que seja ao conforto de um ou dois sentidos
Como chamar um *cul-de-sac* de recuo, retiro.

chantal castelli

aqui dentro tem um ruído

experimente colar
um dos ouvidos junto ao chão
se for um chão de floresta
haverá das sombras sob as folhas
- como sangue -
algum segredo de anfisbena

se o chão for arenoso
e seco
talvez a dança diminuta
embora eterna do quartzito
-triturado sob as patas
dos quelônios –
oferte a possibilidade
do berço

caso seja um chão no fundo
do mar sentirás,
nesta câmara anecoica
impressões no tímpano
longe da terra
- com corpo à deriva -
seguir cortejo sem ensaio
dos líquens sob o tecido
plissado das ondas

sempre haverá um eito
habitado, mesmo sertão
e no corpo cornucópia
-esculpido- todas as queixas
da terra de todo corpo
corroído pelos pesares
será todo chão-ruído.

cristiano moreira

tempo suspenso

caso descrevesse a fugaz aparição como

:

*um fenômeno óptico e meteorológico
separou a luz do sol em seu espectro
(aproximadamente) contínuo
e o brilho de sua luz sobre gotas de chuva
formou uma curvatura colorida
com as cores do espectro solar*

tal esforço teórico
pouco diria da
ponte celeste, erguida
sobre o azul
arcoirizando a tarde
visão plena de beleza

entre
fenômeno atmosférico

x

carga simbólica
vale a lenda

reencantamento

tesouros

over the rainbow

dalila teles veras

trabalho

como quem ara a terra
o verso se inclina
como quem ara
o amor se agarra em
um ponto de suspensão
o pensamento
pendido
pendente
pendendo
no tempo
abre um campo
de batalha
entre a batida
de um sulco
e outro
na terra
se abrem
nós
outros
a cada vez
na suspensão
do arado
entre
uma volta
e outra
a história se faz
no ponto de interrupção
o amor se faz
no ponto de suspensão
o verso se faz
no ponto de desarticulação
o tempo se faz
no ponto de disjunção
o pensamento se faz

justiça
na balança
o peso
sustenta
o pensar
o pesar
o despertar
das mãos
que voltam
a arar
que voltam
a tecer
nós
nos pontos
abertos
das mãos
que voltam
a pender
a amar
a tremer
a começar

danielle magalhães

também lê drummond

Medula óssea, gritaram. O cavalo tombou nos braços de um bebum azedo que estava com a mão estendida. Morreram os dois. Talvez o cavalo já estivesse morto. Mimetizados, o cavalo apodrecia enquanto o homem petrificava. Sete dias cinco novenas e três cruces de calvário. Era um processo mineral, mesmo que os intuitivos não desconsiderassem a possibilidade de ser espiritual. Uma estátua viva, de modo factual, é mera redundância. As crianças, depois de um tempo e alheias ao cheiro podre que emanava da praça, jogavam pedras nas pombas que se acomodavam no ombro do agora, sim, prestigiado poeta. E riam. Apedrejar, mesmo que com palavras, quem não tem forças para dar respostas, nem dúvidas, segue sendo um gesto que se aprendeu bem antes (e que nos persegue). Ao longe, a mais ou menos novecentos metros, um leitor incomodado com o cheiro procura um marcador de páginas nos bolsos, fecha o livro. Vira-se para ver se deixara cair o marcador em algum lugar próximo ao banco em que se encontra. Segue, arruma os óculos, protege o nariz.

demétrio panarotto

rapto

Impossível cavalgar
as horas.

Há o recurso da fúria:
moer as perdas,
moer a moedura
antes de vê-la.

Há o furioso recurso
da contemplação:
encontrar no mesmo
o centeio.

Imponderáveis as horas.

Com outros véus
indicam o campo
ao campeador devoram.

edimilson de almeida pereira

praia impressa

o som dos pneus
sobre a pista alagada

ondas
– se pressa, passagem
pelas –

duas décadas entre
três dias,
o fio do horizonte
na quase-fotografia
sol sem som
bate a cidade evacuada
as ondas passam
automóveis

agora, de água em grão,
o bolor da praia mofada.

eduardo jorge de oliveira

montevideo

Según un dicho local
cuando llegue el fin
del mundo muchos
se irán a montevideo
por la sencilla razón
de que allí tal cosa
puede demorarse
trinta años

eduardo sterzi

“natural da fortaleza” ou “descendente de um homem escuro”

Disse que em uma família, no interior do Rio de Janeiro ou de Minas Gerais ou no centro de São Paulo, no Brás, ou no centro do Rio de Janeiro, na rua Uruguai altura do número duzentos, existiram dois irmãos chamados Darcy. Disse que eram o primogênito e o caçula, filhos de um espanhol nascido no Brasil em 1898. Disse que o espanhol era filho de pais artistas, mambembes, e que o nomadismo foi a única coisa que restou da arte. Disse que primeiro existiu um primeiro casamento e que o espanhol era muito galinha, comia todo mundo. Disse que a primeira esposa se cansou, disse que a rede ferroviária, onde trabalhava o espanhol, se cansou, disse que a cidade do Rio de Janeiro se cansou, disse que ele foi mandado pra Caixa-prego, disse que lá o espanhol conheceu sua mãe. Disse que sua mãe era uma jovem do interior de Minas Gerais, disse que ela se apaixonou pelos olhos verdes azulados do espanhol galinha enviado para Caixa-prego. Disse que se juntaram. Disse que o primeiro Darcy ficou no Rio de Janeiro, sem pai, como tantos outros filhos de espanhóis galinhas. Disse que em Curvelo, disse que em Corinto, disse que nasceu e era filho do meio de pai, primogênito de mãe. Disse que era difícil a vida no interior. Imagino tudo castanho, a ferrovia, o espanhol que não conheci e de quem herdei os olhos. Disse que a mãe engravidou da filha que tanto queria. Disse que a filha irmã nasceu. Perco uma parte da história, há uma viagem. Disse que a mãe engravidou mais uma vez. Disse que nasceu Darcy, o caçula. Disse que depois foi morar em São Paulo. Disse que era no Brás, que se lembra do Brás, ele, o espanhol, a mãe, a irmã, o segundo e último Darcy. Disse que foram transferidos para uma cidade no interior do Rio de Janeiro. Esqueço metade da história quando lembro do segundo e último Darcy que contava:

Disse que a mãe não queria mais filhos. Disse que o pai espanhol vivia viajando. Disse que sempre transferido, muitas estações, o avanço das linhas férreas, o crescimento do país nos anos 50 e poucos, penso que o espanhol trabalhava para outro século diferente do que nasceu. Disse que a prima mais nova engravidou, disse que a prima mais nova era solteira, disse que seria uma vergonha para família mineira, disse que a esposa do espanhol, prima da prima, assumiria a criança. Disse que as duas passaram meses em outra cidade Corinto Curvelo? Disse que a mãe voltou com ele nos braços, disse que o espanhol, gostando muito do nome, o batizou de Darcy. O segundo e último Darcy. Digo que uma família com dois Darcys, o Darcy do Rio, o tio Darcy, ajudam a entender nenhum nome é único. Nem o do meu pai. Diz que sente falta dos Darcys, o primogênito, o caçula, os primeiros a partir.

concerto grosso op. 3 n. 666

sob
o
sol
(e, ainda,) sob a
som b r a
,
sol
i s t a s
violino ()
()
cello
(sol
o) nadando na orquestra
mer trans
gu for
lha ma

tudo

(a noite cai (alimentados (Corelli
como o pano por , de Bolonha,
fecha-se papoula cria com
como a morte , a crua
desabotoa-se os luz
como o vento cervos das
cresce de estrelas)
Nara
acab dormem)
a)

fabiano calixto

mixagem de uma criança, o som da tarde, dois poemas e o verão

dormir de olhos fechados
pendurar-se em lugares altos
nunca é muito confiável
mas rimos como os cavalos
com seus *jockeys* montados
indiferentes ao acidente
à vida movendo a feira
rimos como as crianças
com pranchas de borracha
e barrigas de areia e sal
cercas para pular:
matemática

..

frederico klumb

modo avião

pESCOÇOS curvados para frente
o ângulo agudo
de vidas obtusas

o indicador sobrecarrega a tela
incapaz de apontar a direção
(desapontamento?)

não se vê:
a pedra portuguesa solta
quanto marcam os termômetros
e repetem
como está quente, como está quente
um inferno

não se sente:
cheiro de fuligem
ombros no contra-fluxo

terça-feira,
dezessete horas
ninguém repara mesmo
na menina que mexe o café
sem açúcar
no sentido anti-horário

guilherme figueira

fora do tempo

Fora do tempo não existe nada
Fora do tempo não há um jardim
onde se possa caminhar
ao lado dela
ou uma rua
em que nos deixaríamos esquecer
fumando um cigarro
enquanto aguardávamos o sinal de pedestre

Fora do tempo não há tempo
e os acontecimentos estão suprimidos
- a vida estaria suprimida

Fora do tempo
seria como caminhar por essa casa
dentro do tempo
indo e voltando sobre os próprios passos
num círculo infernal

Ela estaria dormindo
ela estaria abraçada ao travesseiro
enquanto na rua
a voz pastosa de um pastor
sairia de um radinho de pilha
insuportavelmente
dentro do tempo

(a morte encolhida
pelos ouvidos)

heitor ferraz

agora que tudo já foi tentado

respiramos

e não há nada de novo
que já não se possa
dar como baldio

na janela o café
segue doce e frio

o cão dorme

(o que esperam –
o cão, o café,
a doçura?)

uma espécie de torpor
se impõe e sufoca

inércia prenhe de futuro
sob nuvens densas

sempre soubemos
que seria assim

mas as árvores lá fora não

indiferentes,
esperam pela água
que demora

isso agora é lento e dói

como uma chuva que não cai

um cavalo que boia

italo diblasi

20 graus à sombra

ele não cantava o amor a amizade
a fugacidade dos rios nem a força
das máquinas
não cantava o mundo
seu imenso desconcerto
ou a folha de outono semimorta
jogada de porta em porta
não cantava a chuva
o crepúsculo a luz da lua
não cantava a morte e
a agonia não cantava
as festas e as lutas o mar e o navio
a pedra a concha a faca e sua filosofia
não cantava o ímpeto
o paraíso perdido o verme e a lesma
a passagem das horas o soldado
morto o precipício
não cantava o sabiá que cantava
a primavera
e as folhas de relva
não cantava o espanto a maravilha
cantava apenas a sombra a pausa
avesso do canto
não cantava a liberdade a plenos pulmões
ele não era o poeta das iluminações

izabela leal

o tempo segue veloz como um round kick bem executado

ele nada sabe
da vida em suspensão
dos problemas que assombram os dias
das brechas que se abrem mas logo se fecham
das vozes alegres que chegam do apartamento ao lado
da moça de vestido azul que todos os dias come melão sentada na varanda de sua casa
e que deseja singrar
em uma pequena embarcação
o mar de okhotsk

ela parece despreocupada
e é verdade que está
porque crê na Palavra
você se entristecerão, mas a tristeza de vocês se transformará em alegria.

ela tenta segurar o tempo entre os dentes —
firme
ocupa-se do prescindível
elaborando gestos mínimos de existência
e já sem nenhum espanto descobre
que esqueceu como se escreve a palavra pressa.

joice nunes

Quase a forma
não escrita
A voz
disposta na calçada
e esquecida

Vida pra quem respira
nos intervalos

josoaldo lima rego

subúrbio

pedaço de pau réstia
ante o arame farpado
barras de ferro cabo de vassoura
com um preservativo na ponta
o vasilho de poá a tessitura
arandelas iluminando buganvílias cheiro
de esgoto no corredor estreito um remanso
por detrás do portão
sempre um casal
em flagrante ele molha o dedo
nela o chinelo esturricado concreto nu
amiantos e secura gatos
elétricos ninhos
de fiação borracha queimada tanta alvenaria
atijando o barro de onde viemos alameda
repleta de empecilhos às vezes
abre-se ao langor às vezes
cápsulas
amanhecem entre as folhagens
às vezes carne
do mundo impõe pipas:
coroação e prumo
ardências que irrompem
e proliferam

juliana krapp

tarde banguela

Quase nada se impõe à vista;
mesmo a cachorra,
já provadas todas
as formas de distração,
tomba agora seu corpo gordo
no chão de tijolo calvo.

Nem os membros entrelaçados
das árvores
num abraço confuso;
nem o reflexo das mesmas árvores
na janela, o natural se sobrepondo
ao artefato. A vaidade perdeu

embocadura, e então já não há
do que desconfiar —
o que nos exigiria quem sabe
tingir a grama de azul
vestindo um robe de seda
forjar um ou outro referente
revoltar-se a qualquer gesto
arqueológico

*(Alergia, alergia, diria um certo
emblema do nosso lar
meridional)*

O caminho do homem em terra batida
que sulca a montanha
é o mesmo do ganso de madeira
(onde foi que o vi?)
que sobrevive imóvel
à beira do verde da piscina.

julia de souza

assim que se expõe, anda

um amigo pede notícias,
é a ilha

há muitos anos sem
escrever. não sei
onde e como
começa a linha, o
renque, esta ameaça
interminável

haroldo de campos
anota diz desdiz
refaz este combate :
*começo descomeço pelo
descomêço desconheço e
me teço um livro
onde tudo seja
fortuito e forçoso. o
enlace mais carregado
de indecifrável
amor, o acaso e
o imperioso da vida :
onde tudo seja fortuito
e forçoso*

joão cabral anota
lê e relê o que
a terra produz e
exibe. um amarelo
rico ou o grito
máximo, amarelo
que invade
o rosto, interrompe
a vista, esfola o olho
de tão agudo que é :
o homem, a mulher, tudo

o que pode o corpo
amarelo, frágil e que
sofre, *amarelo de sentir*
triste, amarelo *de existir*
aguado, até que
na imensidão pode-se
ver ainda, com nitidez, o
escarro vivo. e isso já é
um começo, talvez. a
linha, o renque, a
ameaça interminável

existe de fato algo
entranhado no corpo,
pedra ou carcará, com
seu solidéu preto sobre
a cabeça que só um
deus pode arrancar
ou quem sabe um
bicho mais forte
e poderoso

frequentar a pedra, o
carcará, observar a lição
robusta que vem do sertão
que ficou para trás, de
dentro pra fora. a
invenção da terra, outro
sentido à terra

júlia studart

pátio

para J.C.H.

a conversa
e mais uma volta
destas que o sol

espia

cometa de nuvens
com o gosto de romã
entre os dentes

katia maciel

estudo nº07

Dos duros olhos de âmbar
escapa a dança
e sobram outros segredos

duros aspectos do medo
sinto o pulso revidar
um ritmo atravessado na
garganta

e ainda dança, dança
no âmbar do desejo

laís romero

manos

Por las noches,
hablan.
Se saludan,
arpegios de dedos
Discuten,
papirotazos
Se reconcilian,
garras
Vuelven a pelear,
levantamientos
Se quieren,
ardillas
Bromean,
patas de mosca
Declaran amor,
cabezas de gato
Se distraen,
flexiones libres
Dicen adiós,
apartamientos de
meñiques.

A veces otras figuras,
como autoplacer.

Oca.

La mano izquierda hacia arriba.

*La mano derecha apresa la muñeca izquier-
da.*

El pulgar se estira en el interior de la cavidad.

El anular encabalga.

El índice se dobla y se le acerca.

El meñique se estira hacia abajo.

Sincronía del movimiento:

Punta de meñique y mano

que sujeta el pulgar:
el animal goza.

También
entrelazan sin orden.
La coreografía
impone azar
en el contacto.

¿Qué roces
olvidaremos?

Por las noches, no hay voz
ni escucha.
Sí aventura.
Lo rugoso se torna dúctil
bajo la luz débil
de dos pantallas
que proyectan
efectos ópticos
y archivan
texturas
de cuerpos
sin carne.

laura cabezas

como se mostra o vazio

onde começa
onde termina
por que uma forma
não se derrama no espaço
por que as coisas têm contorno
por que uma pêra assume
um formato e não outro
por que não uma maçã
por que se repete
e nunca é a mesma
(o mesmo em diferença)
toda coisa nega
qualquer coisa
toda coisa afirma
a autonomia
de cada coisa
mas não evita
que em algum momento
desapareça.

uma fruta desaparece –
o prato frio mostra
o vazio?
um ovo se espatifa –
quebrar é para sempre?
um lenço guarda o perfume
cheiro que lembra
algo ou alguém
ausente
invisível
e visível
como uma fruta

que desapareceu.

laura liuzzi

variações cronenberg

Os cinco dedos da mão
cada mão ligada a um braço
agora os cinco dedos do pé
cada pé ligado a uma perna
total de duas pernas dois braços
vinte dedos e frases do tipo
quase não chove tem chovido tanto

leonardo gandolfi

“esquecer é lembrar-se com a cabeça dos pés”

aqui se chega pelado, como o arroz de terceira,
balbuciando verbos como fossem substantivos:
o dizer, o sofrer, o amar – abandonar tudo isso.
somos o país que não pode ser e logo depois é.

aquela veia inchada pela garganta e os dedinhos
atropelando os ombros – e os olhos pequeninos
logo depois, com o desespero de um espártacus:
nada disso quase existe muito mais neste corpo.

aqui sou o fantasma de mim mesmo, sem alma,
patas de cavalo no rosto de um príncipe chucro.
agora tudo é possível e nada existe, o que antes
era impossível agora é um frio sinal de abertura.

como um perfeito estranho às minhas vontades,
avanço, deslizo, envergo, mas já não me quebro.
ainda regrido sobre o que sei mas não conheço,
acelero mais do que meus pés conseguem parar.

carrego algo sem cura dentro e fora dos sonhos,
mochilas da doença que me permite sobreviver.
sem a doença não estaria vivo mas teria o desejo
que abandono no respirador de noites molhadas.

tenho tentado tirar um leonardo das costas, mas
sem amargura, eu quero provar tudo que azeda.
inteligência com frieza é como a maldade pura.
quero ser burro e quente como tufão no deserto.

leonardo marona

este poema
não diz seu nome
este poema
não diz se veio

este poema
não diz o que fez
este poema
não diz seu nome
este poema
não diz a matéria
da qual é feito
a matéria que desaparece
quando nossos corpos
se chocam.
este poema
não diz seu nome,
é você
porque é ausência.

lubi prates

teoria dos jogos

albert w. e 2 suspeitos
a e b, provas insuficientes
para a condenação
e um mesmo acordo

*esperança, gesto, conversa sem
deus, o cu de sanatás, uma
atenção, teatro de máquinas
e abraço, principalmente
abraço = lançar-se livre,
completamente livre, ao
vazio*

se um confessa e
testemunha contra
o outro e esse outro
permanece em silêncio
o que confessa sai livre
enquanto o cúmplice
silencioso cumpre a
sentença máxima

se permanecem calados
só podem condená-los
a uma pequena temporada
na cadeia – se ambos se
traem, ficam presos a metade
da pena limite que pode
lhes ser imposta

nenhum sabe a decisão
do outro, pincel e fenda,
revolução e raiva

:

no instante de morrer
fazer-se presente

manoel ricardo de lima

pulmões humanos

*ao manóel ricardo de lima
em memória do padre adelir antônio de carli*

suspender o instante –
lembrar para dar peso à imagem
do padre alçando-se
ao céu sob uns balões de festa
lembrar nesse instante
a dureza do chão
os mortos sob o chão
lá de cima – abraçando-se ao padre
infantil como qualquer padre
qualquer deus
em seu semi-delírio
um chapéu cônico de aniversário voa voa
(a cena é bonita como uma criança em uma polaróide)
então sentir bater no rosto
a força diagonal do vento
lá: a mais de cinco mil metros
o frio a força humana
a mover infinitas montanhas imaginárias
– nem um milímetro de terra
subir até um ponto difícil
depois impossível
para pulmões humanos
(até para os pulmões de um santo)
já vai tão alto que o celular sem sinal
indica o ponto máximo da sua enfim celestial solidão
o gps nunca soube usar
pelo que apareceu no jornal
os balões não pararam nunca de subir
na direção da tempestade
– pergunto-me se um padre não deveria ter como salmo esta única intuição
ainda assim é este padre de paranaguá
(incapaz de levar pedras escondidas nos sapatos)
o mais terrestre
mais alegre
mais humano
o mais patético dos padres –
um padre que se lançou aos céus
amarrado para sempre
em mil balões de festa

marcelo reis de mello

na hora do mundo

A chuva traz a solidão sem nome deste agora. Longe, aqui, o terror e suas sombras sobre a terra insone: notícias do medo, zonas de escuro, fome, desespero.

O anjo das palavras se esconde no silêncio desta tarde que se estende para além da sala. A sirene já não toca, a tv também se cala e nada mais (de novo?) acontece, além da água.

maria esther maciel

pequeno carnaval

Festa à luz do sol
Transparentes pela luz
transpassadas
Não as roupas máscaras
As pessoas
se mostram e

só

A fantasia
não fabula
À luz do sol
translúcidas
funcionam apenas vestes
como vincos
Fincas os olhos e, de repente,
entre si se mostram

(como):

Um amontoado de pequenas cintilações
alimentadas dia após dia
Pela realidade que rasga
Por algumas risadas
E por lampejos de anotá-las

(como)

uma nuvem que se dissipa apesar de insistir
E o que ela deixa

mayra martins redin

motivo da asa diante da janela aberta

há que se tirar dois dedos de pausa para voar:

da janela da sala é possível ver que um dos galhos
da árvore da casa vizinha tombou nessa madrugada
e agora pende semi-quebrado como se fora um galho
que tenha nascido de cabeça para baixo e que sempre estivera ali
ou como se fora a imagem de um pulmão nascido naquele corpo.

os cães ladram, as motocicletas passam, o vizinho abre o portão
e inspeciona a nova árvore que se afigura agora em sua calçada
o mundo não para quieto mas outro dia o voo muito baixo de um gavião
passou fazendo sombra no quintal
e no caderno escrito a lápis a frase diz que o poema é a borda do real.

o poema é a borda do real:

é uma frase de sonho, é outro modo de dizer a verdade ou as múltiplas verdades
que este mundo não consegue conter e tampouco suportar
homens de camisas negras marcham contra tudo
mas antes de qualquer embate antes de fechar a janela
com o poema dentro e fora fora e dentro
há outra coisa batendo viva ofegante cheia de impressionantes articulações
talvez sejam asas.

micHELiny verunschK

concerto

para Júlia Rocha

I

lírios como
conchas
arremessados do mar
sobre as coxas
a madrugada explode
na colcha

II

o mar reflete
nas conchas
os lírios entre a nascente
das coxas
uma rocha

rosas
bordadas
na colcha

III

a aurora
roxa
êxtase
onde levita,
preciso,
o canto
do rouxinol

natália agra

instruções para duas cidades

1.

habitar a voz do fogo
galho e estrume no sopro do toco
entre olhos, cegueira das mãos
que afaga as artérias da árvore

morar no quarto ao lado
da casa do João-de-Barro
caber
no corpo hipnotizado da terra
passar
na porta do tamanho que se tem

2.

habitar a minúcia da água
no rastro doentio dos nomes

fundar uma língua sem posse
impregnada de boca
que se alimenta
da convulsão do tempo

habitar a busca da boca
encharcada do sussurro
das penas no chão do ninho

habitar o coração do pássaro –
a linha do ecocardiograma do barro

patricia galelli

sinais

Neste 30 de abril de 2020,
ainda que seja uma quinta-feira,
brincamos de ilha deserta.

Le coeur fou robinsonne.

Sonha não saber.

Entre o mais e o menos erra,

persegue o intervalo

– o ressoo –

das falas, em meio às falas.

O que se escuta quando
o político, o homem-mais, fala de não ser coveiro.
E quando o coveiro, o homem-menos,
filosofa cínico sobre as evidências nuas
do seu trabalho e sobre o trabalho
dos corpos que se decompõem.

Atual e arcaico, sinais dançantes.
(Platão daria voltas em seu túmulo
ou talvez em sua caverna.)

Nas covas do Covid,
ainda que cavadas a retroescavadeira,
a peste invicta ressurgue, retrograda.

Os antigos cães do cemitério
indicam a vida ao nível da grama,
a força, por vir, ao nível da terra.

Paula Glenadel

O bairro tomado de assalto pelo barulho.
A desrazão dos entulhos e das furadeiras.

No décimo andar,
canta um sabiá preso
à esquadria de uma janela,
o espanto engessado
ao silêncio
da moldura
vazia
através da qual
ele contempla

a ossatura do horizonte

prisca agustoni

cuidado, rapaz

venha me buscar no domingo
almoçamos e viajamos às três da tarde
está chovendo aí? aqui chove demais
responda: só um bilhetinho
com um abraço mande logo
espanar a casa mande logo
o saco de arroz mande logo
o material de construção
não venha mais me buscar
continuo muito impressionada
pelejo para não pensar nisto
e não consigo pode ser que
de repente a saudade aperte
por isso lhe peço uma vez mais
deixe para mim ao menos
um fim de semana

raísa christina

atenção pura a todas as coisas

Stop.
A vida parou
ou foi o automóvel?

Carlos Drummond de Andrade

o mundo parou
mas o poeta foi invadido
pelas memórias que não escreveu

da mesma maneira que sempre é
atravessado
por versos lidos ao longo do dia
e pedaços de frases soltas que escuta

de repente

uma anotação perdida
num guardanapo de papel:

não fomos e nem seremos futuristas
disse e repito: não sou futurista
não somos
seremos os pós-mundistas?

hoje o poeta acordou
com um poema longo na cabeça
sonhou com as imagens
sentou para escrever o poema sumiu
nenhuma palavra

escreveu um poema sobre o poema esquecido

devassado pela impossibilidade
das palavras que não conseguia colocar no papel
das ideias mortas diante da tela
fria

sentiu a impotência como no poema
de solano trindade amor
eu ia fazer um poema para você
mas me falaram das crueldades

mortes sufocadas noticiadas de cada dia
transpassam seu corpo
fica sem ar
abram todas as janelas
por favor

eu não consigo respirar
as mãos brancas encardidas de sangue
mancham os versos

os tiros nos corpos negros
seus irmãos
sente vergonha raiva culpa
meninos negros assassinados
até quando? um grito um urro
de angústia

numa pasta do computador contabiliza
as mortes dos seus

entre janeiro e maio do ano passado
o brasil registrou 141 mortes de pessoas lgbtqia
mais de uma morte por dia

33% de todas as mortes por aids no país são
pessoas trans e pessoas negras

o risco de uma pessoa preta infectada pelo hiv
morrer por aids é 2,4 vezes maior do que
uma pessoa branca

71% das pessoas assassinadas são negras

o racismo mata

mas não cabe no poema
sobra é discursivo palavroso
militante demais
ainda dizem

uma pausa
na luta a vida parou
mas não para
todos

o tempo

continua

em suspenso

ramon nunes mello

intervalo

no aroma do café ainda quente
no líquen adormecido nas sarjetas
na perfeição geométrica do ovo
na alta madrugada sem sereno
na vila abandonada após a peste
na calma combustão da levedura
na mágica desfeita em pensamento
na lenta formação da cordilheira
no branco sobre branco de malevich
no risco inexpressivo do contrato
na foto de um canteiro com begônias

– coincidem silêncio e paciência?

renan nuernberger

intervalos

no intervalo de trinta dias
os pés ganham asas e
trazem notícias de um amor
que se escondeu nas pedras
do mar de Safo
não de Homero

no intervalo de uma semana
a semente perdida entre
as estrelas espalha raízes
no meio da mata e dela
índios criam linguagem e
ensaíam o mito

no intervalo de vinte e quatro horas
a cidade descarna e outra
se ergue ruiva habitada por
enguia furta-cores que
dançam e dobram esquinas
em obras

no intervalo de sessenta segundos
perde-se o poema a chance a
chave de casa o senso e o
cinismo como perdidos eram
o medo e a esperança
fica o rumor

no intervalo entre a sílaba e
o acento a mão e o olho
a prece e o preço o
grito e a graça o riso
e o real entre o desfeito
e o devir

reynaldo damazio

mecânica popular

Eu dava
muita
explicação
demais (
Hoje eu
parei – não
dou mais
não. Nem.
)

ricardo aleixo

azo, asa

Duas nuvens quase iguais
cruzam o imenso azul
que não reflete a luta aqui no chão.
As duas nuvens ganham dois nomes.
Duas palavras de três letras,
que contêm a mesma boniteza.
Uma vem do provençal, *aize*.
A outra, do latim, *ansa*. Ambas,
assim, já são metamorfoses
de nuvens de Oscar Bony, e
espremem consoantes e
ressoam o fonema /z/.
Aquele som afável
que se ouve em *casa*.
O substantivo masculino *azo*
é espaço ao lado. É ensejo, meio
ocasião, pretexto, intervenção.
O substantivo feminino *asa*
é membro de voo de insetos,
pássaros, peixes... e de alguns
mamíferos que voam. Homens, não.
Homens voam de avião.
E quando veem as duas nuvens, uns
mamíferos que não voam, passam
a desejar uma pausa
da luta aqui no chão.

ricardo corona

estudo para uma paragem

O carro de boi estaciona
à beira d'água. Os homens descem
para encher
recipientes de alumínio

e é este o momento
em que a mosca entra em cena
leve como a sombra de uma letra.

Os homens tentam ler
o que ela escreve no ar
mas não há nada.

Do fundo das colinas e matas
do alto dos postes tortos
nada fala. Nem pássaros,
nem o ferro das máquinas.

A pele do silêncio
abraça noturna a estrada
por onde os corações passam
inúteis, antigos e alagados.

ricardo rizzo

síndrome de cassandra

a cartomante abre seu baralho
para a primeira consulente do dia
: uma visitante do sul recém-chegada na cidade
 “trabalho num setor aziago
sou superintendente dos cemitérios do meu estado
e tenho estado cansada muito cansada” explica
a cartomante não responde mas aquiesce
como se simpatizasse com as olheiras de chumbo da moça
 e deita a primeira carta na toalha bordejada
 de respingos de café
: uma primeira torre é erigida diante das duas
a consulente cruza as pernas inquieta
 “gosto do que faço
pois um cemitério é como uma cidade
 [uma cidade em negativo]
ele guarda a memória e os corpos
dos que já se foram como uma cidade
feita de anjos com asas de concreto
 entre ossos e fendas
 e crematórios
 uma cidade em paralelo
que habita o mesmo espaço que nós
 mas se infiltra debaixo do chão
 como uma raiz”
a próxima carta aparece diante das duas
e depois outra e mais outra
uma coroa de flores encerra o caixão
sob um céu salpicado de estrelas fixas
pairando sobre a piscina de papel-cartão encerado
já manchado pelo manuseio frequente de sua dona
a cartomante embaralha seu maço de cartas absorta
“gosto do que faço mas tenho sido assombrada
por um mesmo sonho” a moça insiste
-- um trevo se inclina para a esquerda mirando
 o seis de ouros diante delas –
não é hora ainda

o cavaleiro de paus cai do maço enquanto ela embaralha
“o mesmo sonho todas as noites”
a cartomante pede silêncio com os dedos
abre mais duas cartas e levanta os olhos para a consulente
com certa ferocidade -- como faria um falcão mal domesticado
que observa com impaciência a cronologia da água
“agora fale sobre o sonho”
não é hora ainda não é hora ainda
a moça se ajeita na cadeira e descruza as pernas
“o sonho tem início com uma rachadura na casa
minha casa começa a rachar ao meio e todos os objetos
-- os copos as louças os móveis e os demais utensílios domésticos –
flutuam no ar em marcha como se estivessem a percorrer
um trilho invisível pelos cômodos repetidamente
em círculo repetidas vezes
e logo depois começam os gritos
as almofadas da sala berram furiosas
como galinhas depenadas vivas
os tacos do chão afundam e debaixo deles
brota água corrente
abro as portas dos armários e sou colocada diante
da imagem de um corpo pescado de um afogamento
cuja mão se estende em minha direção
sua boca se abre para dizer algo
que eu me recuso a ouvir já que corro desembalada
e digo a mim mesma que preciso
dar um jeito nisso
contratar alguém
um profissional da área
um bombeiro
um caça-fantasma
um exterminador de *poltergeist*
e logo acordo
empapada de suor”
a cartomante inspira fundo como se
a patologia fundamental de seu tempo
estivesse estampada diante de si
: quem semeia vento colhe tempestade

não é hora ainda

não é hora ainda

ué quer trabalhar com os mortos
mas não quer se dar ao trabalho de ouvi-los
muito bonito

~pensa mas não diz em voz alta
recomenda um banho com tais e tais ervas

“é muito sério mesmo minha filha
volte no mês que vem com todos os itens
dessa lista aqui

e fecha a porta quando sair faz favor

não é hora ainda”

rita isadora pessoa

inquietação

para Davi Kopenawa

segure o céu
para que não desabe
acalme a gritaria
dos trovões

queremos dormir
entrar em estado de espírito
entrar em estado de en-
canto

a primeira mulher
era peixe e foi pescada

as mulheres do vento
não são nossas mães

descendemos
de onças e japins
antas e cujubins
cutias e jacamins

ruy proença

cozinha

Há que guardar silêncio. Esperar em silêncio.

Vicente Huidobro

afiar a faca
precisar o corte
tatear texturas
carnes
pães
cebolas
maças
o leite
entanto
é coisa que
se corta
por si
a mãe diz
quando não há
fervura
(a quem o saiba
doce a devir)
o leite cortado
alerta
perigos
os de caixa
de supermercado
duram meses
e mais
afiar a faca
é coisa que se treine
é método
exercício
é possível até
fechar os olhos
precisar os ruídos
o corte do leite
entanto
(a quem saiba
alquimia delicada)
é coisa que
se adentra
em espera

sara síntique

jab-cruzado-jab-direto-esquerda-uppercut-jab-overhand-tentativa-de-estrangulamento-
gancho-chute-slam-jab-queda-direto-direita-jab- cotovelada-joelhada-clínch-slam-jab :
soa-o-gongo.

UM-MINUTO-DE-INTERVALO-ANTES-DO-ÚLTIMO-ROUND

(córner)

de-um-lado-weili-zhang

do-outro-lado-jéssica-bate-estaca

lacuna-olho-no-olho-sob-o-massacre-octógono-de-sangue-transe-terra-trégua-fim-dos-se-
gredos-cosmococa-gíra-slam-sus-pensam-em-dar-o-fora-debande-luz-vermelha-névoa-dú-
vidas: soa-o-gongo.

sidnei cruz

se

Se a morte é coisa certa
se a morte é a coisa mais certa entre todas as
coisas certas nem a vida sendo tão certa como é ela
nada garantindo que alguém nasça
mas se nascido a morte é certa
Se a morte é coisa certa
então no alto da escada
me invade a certeza de que já estou morta
a vida num átimo sendo
só um passado
existindo e insistindo
em tempo real

simone brantes

flagrante

sentada na porteira
uma coruja muda
espelha-se em duas
das quatro telas das
câmeras de segurança
onde um crime sempre
parece provável

coruja sentinela
inocente
pressente sua captura
em imagem retrato
abre-se em voo cruza
uma tela de viés
ressurge na outra
antes de escapar
de vez
da gaiola plana

sofia mariutti

sopro

um mapa do país
uma tesoura
a janela aberta

cortar com cuidado
estado por estado
respeitando as fronteiras
pela última vez

jogar o país
em pedaços
para o alto

agora – deixar
soprar – o vento
até reinventar
a velha geografia

recolher o país
do chão

recomeçar

tarso de melo

compasso |

talvez | por amor à música

teria a gata | uma pauta

:

compor | só os sons necessários

ser a duração da pausa |

thiago e

É a hora em que sinos tocam
Porque nesta cidade persistem os sinos
A avisar que o tempo ainda bate no relógio dos párocos
Como desta casa a sala sem cortinas
Desfaz as cores dos livros

O lírio não floresce
Mas a espada-de-iansã
Arrebenta o barro do vaso

O tempo também tem sido mais transparente na cesta das frutas
— tudo morre, amadurece e brota, simultâneo
e muito rápido —

Daqui ainda se ouvem
Num descompasso em uníssono
Os sinos das igrejas
O tempo das plantas
O tempo das frutas
O tempo das lombadas dos livros esquecidos nas estantes
Desta sala ainda sem cortinas
Deste ponto específico do planeta
Que segue
A despeito de tudo dançando
A nos oferecer
Uma forma para o tempo

vanessa c. rodrigues

lygia pape

I

Quando começava a chover,
o Hélio ligava para mim —
ou eu para ele

Normalmente os dois —
e era um outro delírio

Eu mudava a roupa,
o Hélio mudava também

Íamos para o Arpoador
tomar banho
mas tinha que ter raios!

A gente ficava com água até o pescoço
aqueles raios caindo
e nós dois lá

Não morremos de sorte —
pura sorte

II

Claro que

a experiência
mais radical na
Roda dos prazeres

serio o uso
de veneno como
um dos sabores

veronica stigger

4 posfácios-mínimos

pausa: suspensão do ato, gesto de abertura

davi pessoa

*Vou a caminho do rio a cavalo
quando ele me pega pensando faz uma pausa.*

Sandro Penna

*O transporte rítmico, motor do lance do verso,
é vazio, é apenas transporte de si. E é esse
vazio que, enquanto palavra pura, a cesura –
por um instante – pensa, suspende, enquanto
o cavalo da poesia para um pouco.*

Giorgio Agamben

Oscar del Barco escreveu certa vez que “a poesia seria a ausência da linguagem na linguagem, ou um conjunto de palavras inaudíveis marcando sua diferença entre as palavras da linguagem. O homem está ali em seu não-estar, em seu não-ser, saído de si.” O poema, assim, habita a linguagem e se refere à linguagem, porém, ao mesmo tempo, realiza um corte preciso no referente, e lemos o poema na fenda aberta por um gesto. Tal ambivalência surge do movimento do próprio poema, o qual nos sugere desvios em vez de caminhos conhecidos de antemão. Sua leitura acaba por contornar uma espécie de vazio, criando o lugar da diferença, do diferimento. Um poema lido com outro(s) poema(s), no interstício entre um e outro, quando o pensamento põe em cena a luta da própria abertura, para não cair na armadilha da comunidade que *diz falar* a mesma língua.

Uma pausa na luta para dar ouvidos às *intermitências dos corações*, como apontava Pier Paolo Pasolini, cujo desdobramento pode ser sentido, agora, como as *intermitências da respiração*: uma pulsão enquanto fluxo de aberturas. Portanto, uma figura do aberto, *em luta*, contra a pulsão securitária traduzida em “desejo de fascismo”. A

pausa – os musicistas o sabem bem – é uma pulsão que vitaliza o corpo, o sopro, que o faz vibrar, para que o próprio corpo não se torne um *corpo-peso*, um corpo-morto e mortífero, o qual rechaça a vida, a vida corpórea, o desejo, como se sentisse raiva até mesmo pelo fato de poder respirar, como se desejasse reduzir a inquietação da vida à inércia. E contra a inércia mental – Antonio Gramsci a chamava de *indiferença* –, e corporal, portanto, mobiliza-se a *vida do pensamento*.

Uma pausa – caso seja realmente um corte profundo no referente, bem como na vida do pensamento – *jamais é inerte*. Uma pausa se debate contra o “desejo de larva”, como pensado por Jacques Lacan, que em pouco tempo se petrifica, quando o desejo sente ódio por sentir desejo. Lacan também nos aponta algo muito singular, em *A lógica da fantasia*: “o inconsciente é a política”, que não por acaso foi ouvido por Deleuze e Guattari, em *O anti-Édipo*, quando ressaltavam que a pulsão securitária é uma perversão do desejo gregário, reconfigurado como “desejo de fascismo” por Wilhelm Reich, em *Psicologia de massas do fascismo*.

Dizer que o “inconsciente é a política” – e não o contrário – significa abrir-se para e a partir de uma pausa mobilizada contra o fantasma da repetição, que insiste em aprisionar o próprio inconsciente, que, por sua vez, nesse enclausuramento, torna-se um inconsciente fascista. Roland Barthes, não por acaso, dizia que a língua é fascista, visto que o fascismo não é impedir de dizer, mas, sim, obrigar a dizer, ou seja, estava atento ao seu traço gregário, tão forte, hoje, entre os *negacionistas*. Por isso, como bem observa Manoel Ricardo de Lima, “isto não é uma antologia, mas uma convulsão”, que pode ser lida como desejo por sentir desejo de saída de si, ou ainda: como manter convulsionada a larva do desejo?

O inconsciente é a política, tarefa extremamente complexa, talvez porque inclua justamente a causa do desejo, que a política atual, *obsessivamente linear*, deseja asfixiar. Como fazer emergir, diante de tantos crimes contra a democracia, o inconsciente enquanto abertura? No corte, na translação coreográfica de sentidos, ou, ainda, na pausa. Na pausa se encontram precisamente as modulações e as forças da “geografia imaterial por vir”. Belchior, diante de um “Ypê”, canta a cesura: “Contemplo o rio, que corre parado / e a dançarina de pedra que evolui / completamente sem metas”.

por uma pausa a galope

Marcel Duchamp, um ano antes de sua morte, na primavera de 1967, acompanha a realização do assemblage de uma máscara mortuária em bronze, ligada a um braço, que, por sua vez, está implantado em um tabuleiro de um jogo de xadrez. Sobre o tabuleiro há uma única peça: o cavalo. Sabe-se que o cavalo é a única peça no jogo que não pode ter seu movimento interrompido por outra peça, além disso, possui outras duas características: é a única peça que pode saltar outras peças, e o seu movimento tem a forma da letra “L”, movendo-se duas casas em um sentido, e, depois, uma casa em direção perpendicular. Portanto, o jogador com sua mão sobre o rosto, capturado em seu momento meditativo, confronta uma única peça, que, por sua vez, se transfigura no próprio movimento do pensamento, com seus saltos, com seus cortes, com suas montagens e com seu passo não linear, visto que seu deslocamento é perpassado por uma dobra, ou seja, por uma pausa. Será que essa era também a aposta do escultor Alfred Wolkenberg ao modelar o rosto e o braço de seu amigo Duchamp? Como modular a vida do pensamento?

o tremor do dragão

edson luiz andré de souza

*Acho que o ser humano sonha apenas para
não deixar de ver.*

J. W. Goethe

Zhang Heng, astrônomo e matemático chinês, em 132 D.C, concebeu um dos primeiros instrumentos de leitura dos terremotos. Seu *sismoscópio* consistia em um vaso de bronze com oito dragões fixados nas laterais, verticalmente, com as bocas para baixo. Cada um deles indicando um dos pontos cardeais: norte, sul, leste, oeste, nordeste, noroeste, sudeste, sudoeste. Na base do vaso encontram-se oito sapos de bronze com as bocas abertas abaixo de cada dragão. Dentro do vaso, um pêndulo suspenso ligado a um mecanismo de hastes acionava a abertura da boca articulável do dragão. Um mínimo tremor de terra movia o pêndulo, fazendo cair uma pequena esfera da boca do dragão na boca do sapo. Mesmo que este instrumento não indicasse a intensidade do tremor, o que só foi possível a partir de 1842, quando James David Forbes inventou o sismógrafo, tínhamos ali alguma indicação de sua origem. Um dedo apontando a ferida. Mas de que adiantam os sinais se não há ninguém para escutá-los e lê-los? Como vamos captar os ruídos dessa “emergência da história” se continuarmos sobrevoando as superfícies da vida “como moscas em voo vendo e revendo imagens de si mesmo”, tal como anota Manoel Ricardo de Lima?

De nada vai servir o estrondo metálico na boca do sapo se a sala estiver vazia e não houver ninguém ali para testemunhar. São muitos os tremores que estamos vivendo e a boca do dragão cospe a todo momento avisos de incêndio.

Temos chegado sempre depois do fogo e, quase sempre, sem instrumentos suficientes para apagá-lo. Mas, ainda assim, restam-nos as cinzas deste país tão carente de memoriais e que nada quer saber sobre a origem do fogo e a direção da fumaça. Por aqui a terra não para de tremer: cruzeiros são derrubados na praia de Copacabana, arquivos são deletados, a palavra se esvazia no artifício obscuro dos jogos de poder e as balas continuam certas nos corpos daqueles que sempre foram os primeiros a cair no *front*.

Leio comovido e atento os 70 movimentos deste *uma pausa na luta*. Percebo imediatamente a sua possibilidade: um sismógrafo deste tempo ruidoso que nos abre um espaço de pausa a outra escuta, para ouvirmos uma língua que ainda não entendemos e que talvez nunca vamos entender. É preciso entrar a sala e ficar perto da boca do dragão. Do lado de fora não escutaremos nada, do lado de dentro não veremos a fumaça. Assim, o desafio é buscar uma borda, “escutar a terra”, buscar as fronteiras com urgência, inventariar gestos inéditos, despertar da letargia que as máquinas de guerra acionam em nossos corpos. E essa é uma pausa que não pode recuar. Ela abre um espaço de escuta para acionar significantes inéditos mesmo na incerteza de que entenderemos o que dizem. Vamos precisar de tempo para que esse ruído seja transcrito. Sei que não temos o tempo que desejaríamos, já que o fogo se aproxima, mas o pouco de tempo que temos é o que Manoel nomeia como “alguma esperança”. Seja o que for, essa esperança faz corpo num desejo de dizer, apesar de tudo, de manter viva uma revolta que nos permita ver além da fumaça, ainda que com olhos vermelhos e incrédulos. Uma esperança que não desista de acionar o que ainda temos de mais vital: o desejo por palavras que tenham valor, que possam ainda perturbar o sono e nos fazer imaginar outras formas de estar no mundo e com os outros.

Uma pausa na luta como “the last silente movie”, de Susan Hiller, que recolhe os ossos quebrados de línguas extintas ou ameaçadas de extinção e que ouvimos atônitos como os últimos balbucios de um tesouro que naufraga diante de nossos olhos. “Eu vim aqui para dizer não”, lembra Godard em *Adeus à linguagem*. Nesse cenário já chegamos tarde demais e, queiramos ou não, somos um pouco responsáveis por

toda essa destruição. O mais terrível, contudo, parece que ainda está por acontecer, quando esvaziamos e limpamos rapidamente a cena do desastre, e nos apressamos em reconstruir a casa, sem cuidar dos escombros que ainda estão em brasa.

Este *uma pausa na luta* tem a função de um memorial que não recua diante do fogo e tenta guardar em alguma memória a palavra que foi pronunciada pelo último falante de uma língua perdida. Manoel Ricardo de Lima lançou um primeiro grito de guerra e foi depois, pacientemente, compondo e recolhendo as reverberações de uma conversa ruidosa, inquieta, utópica. Como psicanalista, testemunhei muitas vezes o quanto uma palavra, uma imagem, pode reorientar um percurso quando podemos escutá-la e acolhê-la em seu “fora de lugar”. Nossa pressa em entender o que dizem tais palavras subtrai a surpresa de ver o que até então não existia no pensamento. Mesmo um telescópio potente que temos, a cada noite, com nossos sonhos, é rapidamente esquecido e tantas vezes negligenciado. Uma espécie de covardia para enfrentar uma gramática que se apresenta de forma obscura, lacunar, incompleta. Um dos sonhos emblemáticos narrados por Sigmund Freud no texto *A interpretação dos sonhos* é o de um pai que adormece exausto ao lado do caixão onde seu filho é velado. Subitamente, o pai é acordado por uma imagem do sonho, na qual seu filho aparece lhe dizendo: “Pai, não vês que estou queimando?” O pesadelo joga o pai novamente na vida desperta e o obriga a assumir sua responsabilidade diante do filho e, assim, ainda conseguir apagar em tempo a chama provocada por uma vela que caíra sobre o caixão.

Nesta coletânea são muitas as respirações, os ritmos, as quedas, as ilhas, as fúrias, as sombras, os “gestos mínimos” e “efeitos óticos” em uma “teoria de jogos” que não dá trégua ao leitor. Não estamos em um momento de trégua. Estamos em um momento de pausa, o que não é a mesma coisa. Não é mesmo a hora de “dar mais explicação”, mas de dar mais um passo até o limite, vislumbrar alguma margem que nos permita entrar em cena e minimamente recolher alguns restos de um “país do chão”. Sabemos que este é um trabalho árduo, perturbador, difícil, mas não iremos muito longe se não cuidarmos dessa história que parece estar sempre escapando pelos dedos. A máquina do esquecimento abre buracos de forma

abrupta e tenta fazer desaparecer tantas histórias construídas exaustivamente. As retroescavadeiras furiosas jamais esqueceremos. Nessas horas lembro sempre de Torquato Neto em seu “Poema do aviso final”: “É preciso que haja algum respeito / ao menos um esboço / ou a dignidade humana se afirmará / a machadadas”.

Os poemas desta pausa são um esboço de contato com esta terra que treme. O *sismoscópio* de Zhang Heng emperrou, já não funciona mais. Toda a maquinaria que há tanto tempo nos arrasta para determinadas formas de vida deveriam ser hoje colocadas em suspensão. A *pausa* se afirma como um *não*, como uma interdição neste país onde muitos não conseguem mais identificar sequer sinais de abuso. Como insistia Paul Celan: “escrevo para interditar”. Esta *pausa* tem a forma de uma revolta diante de tanta violência e mostra que ainda é possível colocar as mãos na terra e auscultar seus movimentos inquietos. Georges Bataille já anunciava, com todas as letras, essa revolta quando escreve: “Odeio esta vida de instrumento. Busco uma rachadura, a minha rachadura para ser quebrado”.

Mas como mensurar a desmedida? O primeiro passo é reconhecer que nossos sismógrafos precisam ser reinventados, já que alguns dragões continuam com a boca fechada, segurando entre os dentes a esfera metálica. *Uma pausa na luta* recolhe algumas reverberações do abalo sísmico deste tempo de machadadas. Prefiro pensar esta coletânea como uma pedra jogada no meio do espelho seguindo os procedimentos do artista italiano Michelangelo Pistoletto. Nossa tarefa agora é recolher os vidros quebrados no chão e, de uma vez por todas, aprender a ver o mundo através de suas rachaduras. Se há alguma esperança é na fenda que se abre na imagem. Uma palavra em trânsito, uma palavra por vir, que poderá dar algum contorno aos cortes e às cicatrizes que marcam nosso corpo e nossa linguagem. Uma pausa que nos ajuda “a atravessar a obscuridade do instante”, como propõe Ernst Bloch em seu *Princípio Esperança*. Uma travessia sem nenhuma garantia. A espessura desta escuridão é imensa e teremos muito trabalho para abrir alguma brecha. Mas não desistiremos. Este *uma pausa na luta* abre novas respirações àquilo que temos de mais precioso para seguir em frente: a força da palavra justa que não recua diante do perigo.

a travessia dos dias

flávia cêra

Há um acontecimento e sua marca é a suspensão do tempo. As perguntas correm no sentido de querer saber o que será a vida depois. É fundamental imaginá-la, isso também está perto do que podemos entender, no momento, como sobreviver; é fundamental não correr o risco de fazer a sentença de que não haverá poesia depois disso. Mas mais difícil é fazer uma pausa e, com isso, instalar-se em um presente definitivamente radical.

Dar uma pausa no meio da luta é um ato de coragem, porque sustentar um vazio onde só se quer preenchê-lo é apostar que aí mesmo se pode contorná-lo com palavras que o mantenham vibrando. É esse o movimento que permite o desejo, essa coisa fugaz que nos entusiasma e agita. Se a luta guarda seu sentido de urgência e, por isso, pode eternizar o tempo, a pausa propõe um corte. Sendo assim, uma pausa tem menos a ver com descanso e sonho: ela está muito mais perto do despertar.

Setenta poemas escritos nesse corte estão reunidos aqui. Setenta vezes foi possível pausar a língua da guerra, da catástrofe e da morte. Roland Barthes propunha a pausa na leitura no gesto de levantar a cabeça. Ler não era, para ele, uma atividade pura, ela precisava ser necessariamente contaminada pelas impurezas do mundo, se deixar invadir pelos excessos que ela mesma suscita. Pausar a leitura era uma espécie de desobediência e abertura, inevitável, ao choque das palavras no corpo. Desrespeito e paixão são dois motes da traição e do prazer do texto, e a leitura não pode prescindir desses afetos. Compor uma leitura dos tempos, do próprio tempo, é consentir com os atravessamentos. Em última instância, é se deixar atravessar pela heterogeneidade, por línguas outras e, mais ainda, pelo rumor, para encontrar os traços da enunciação, os traços da alteridade.

A enunciação não parte do eu, mas sim a medida em que se diz Outro. Seu campo é justamente o da travessia. Mas o exercício radical de alteridade não é se tornar outro, isso é fácil, como já dizia Clarice Lispector: “eu antes tinha querido ser os outros para conhecer o que não era eu. Entendi então que eu já tinha sido os outros e isso era fácil. Minha experiência maior seria ser o outro dos outros: e o outro dos outros era eu”. Difícil é fazer essa dobra no eu, ser outro dos outros, retorcê-lo a ponto de saber que só é possível atender por seu nome e ao mesmo tempo saber-se atravessado pela alteridade que desloca. Não há exatidão, correspondência, nem equivalência, apenas espaços vazios em que se pode estender a língua para dizer eu, outros, alguém, ninguém e, neste campo mesmo, fazer brotar o rumor que enlaça, os sussurros sem sentido, um fio de voz capaz de produzir em nós, outros. Jacques Lacan e Guimarães Rosa nos ensinaram que esse movimento não pode ser feito sem levar em consideração o real, a contingência, o furo no saber que impossibilita a complementariedade entre eu e o outro, e que ele não está em jogo apenas no começo e no fim, mas na travessia. Uma pausa, um respiro. Uma pausa e estamos vivos. Atravessemos, pois.

diante do excesso

laíse ribas bastos

*há um fora dentro da gente
e fora da gente um dentro
demonstrativos pronomes
o tempo o mundo as
pessoas
o olho*

Francisco Alvim

A poesia tem na dimensão espacial das coisas um potente modo de inserir e dizer de certa realidade, operando em um limite da materialidade quando o real se impõe na ordem daquilo que não se pode apreender. Dito de outro modo, encontrar no espaço um modo de se mover no tempo: olhar e ouvir o tempo e a vida presentes. Na tradição moderna da poesia brasileira, está na rosa de Drummond, por exemplo, reduzida à simples materialidade da flor e expressando qualquer coisa de um sentimento confuso e incerto entre tristeza, desânimo e algum consolo. Ao mesmo tempo, está, também, na flor cabralina, a lembrar que a profundidade da experiência e da própria poesia pode passar pela superfície da cor, da luz, dos objetos e da própria natureza reduzidos à matéria, nunca, porém, incólumes ao corte do tempo.

É por isso, talvez, que a luz do sol, ou alguma luz possível, esteja presente em muitos dos 70 poemas cuidadosamente reunidos por Manoel Ricardo de Lima nesta pequena pausa. Um verso de Arthur Lungov aponta a “mancha clara que o sol lavra”, o poema de Fabiano Calixto interpela “sob o sol”, e nos colocam diante de uma luz intermitente num desvio do olhar para a superfície. Seja qual for esse espaço para o qual o olhar deslize com a incidência da luz – corpo, chão, terra, objetos –, haverá sempre o movimento implicado em sua propagação. Em todo seu alcance e incidência e, assim, em seu aparente repouso, reside sua força, daí

a continuarmos “envergando a haste / em direção ao sol”, como árvores, lembradas no poema de Ana Estaregui, e encontrando toda ou alguma disposição possível para “seguir colhendo o dia”, se voltarmos ao poema de Arthur Lungov.

Palavras-fótons incidindo sobre a superfície das coisas, ali onde elas são tocadas pela luz. Ali, onde as cores surgem, podemos encontrar “toda a força de uma aparente fraqueza”, para dizer com Maurice Blanchot, do mesmo modo como a imagem de um “eu” não mais presente nos poemas. A poesia opera, assim, diferentes movimentos rumo a um outro possível: o espaço, a luz e a cor que se impõem e deixam entrever certa materialidade, sabendo que na literatura “todas as coisas se dizem, se mostram e se revelam em sua verdadeira face e sua secreta medida”, adverte Blanchot. Deixar as coisas fora de alcance e impor distanciamento ao assunto expressam a ambivalência do gesto, aqui, tomado à poesia, para que seja nesse espaçamento, nessa lacuna ou ausência, o lugar onde aquilo que se diz ressurgir de outra forma. Uma das estratégias é exatamente a de lançar-se ao espaço, nos diz Blanchot, dizer da superfície e dali elevar-se.

Ao mudar a direção do olhar é possível encontrar, portanto, um modo de atravessar o tempo, as coisas e os acontecimentos do mundo, num outro movimento de deslocamento: ouvir “o ruído de dentro” ou colar o “ouvido ao chão”, como no verso de Cristiano Moreira, e colocar-se em atenção, espera e expectativa – ou doar-se. Para Jean Luc-Nancy, a escuta guarda certa capacidade de ceder, uma “tensão, uma intenção e uma atenção”, e relaciona-se, ainda, com alguma preocupação e inquietude. Ao mesmo tempo, é preciso lembrar que o gesto de atenção é também um modo de observação minuciosa desse salto dado, poema a poema, a *outros* possíveis: olhar e ouvir ao redor. Não é por acaso, portanto, que a outra saída está na busca de alguma claridade, aquela luz solar atravessada nos poemas: “ponte celeste e visão plena da beleza” (Dalila Teles Veras). Talvez seja precisamente esse o desafio lançado por esses poemas da pausa: permanecer atento e disposto, corpo em riste, de forma livre e sem exigências e, como consequência, generosamente ceder à imposição de um gesto que requer “tempo”, este que é implacável e imperativo, está na força da natureza, opera na luz, sobre a cor, sobre o surgimento e desfazimento das coisas.

Com esse percurso entende-se, portanto, que a ideia de pausa impõe, também, um paradoxo. Diante do excesso – de qualquer ordem –, a pausa é intervalo. Diante do excesso de quietude, o ruído; para o barulho excessivo, alguma forma de silêncio. Entre um e outro, a poesia: “fazer o inútil sabendo que ele é inútil” diz o “artista inconfessável” de João Cabral diante da escrita. Poderíamos estender o verso e dizer: sabendo, também, que é da inaplicabilidade da poesia, de certa impotência diante da intensidade e violência da realidade, de onde provém sua resistência, sua força e sua condição para existir.

No pequeno interstício de um poema reside também a possibilidade de reorientar os sentidos e, nesta pausa, especificamente, encurtar o verso e mudar a direção do olhar – lançar-se a outros espaços com escuta atenta e atenção extrema. Ou, ainda, é preciso correr o risco da contenção do “eu”, da fala e do verso, retomando Cabral novamente, onde o espaço extravasa para ser um modo forte e operante de dizer da (dura) realidade das coisas: “não *esparramarse*, fazer na dose certa; / *exponerse*, fazer no extremo, onde o risco começa”.

Por isso o único formato possível para este posfácio, felizmente, é o mínimo: pouco a dizer, muito a ouvir, de alguma poesia de agora – rir “como as crianças / com pranchas de borracha / e barrigas de areia e sal” (Frederico Klumb) – e de alguma poesia de sempre – “amar: mesmo nas canções. / de novo andar: as distâncias, / as cores, posse das ruas” (Carlos Drummond de Andrade).

uma pausa na luta

CAPA

Imagem de Ana Flávia Baltisserotto,
da série *Desenho dos dias*

REVISÃO

Júlia Studart

ISBN

978-65-86464-16-0

© 2020 MV Serviços e Editora.
Todos os direitos reservados.



R. Teotônio Regadas, 26 – 904

Lapa • Rio de Janeiro • RJ

www.morula.com.br

contato@morula.com.br



São as editoras independentes que garantem
que títulos como esse cheguem até você.
Ajude a **mórula** a continuar esse trabalho.
Adquira nossos livros:

www.morula.com.br



mórula
EDITORIAL